



V JORNADAS DE ECONOMÍA CRÍTICA

LA CRISIS GLOBAL COMO CRISIS DEL  
PENSAMIENTO ECONÓMICO

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS  
INTERPRETAÇÕES DE GIOVANI ARRIGHI E  
JOSÉ LUÍS FIORI SOBRE LA CRISE  
CAPITALISTA ATUAL E SUAS IMPLICAÇÕES  
PARA O SISTEMA MUNDIAL

JULIANA DOS ANJOS DE SOUZA

23, 24 Y 25 DE AGOSTO DE 2012 - FACULTAD DE CIENCIAS ECONÓMICAS  
UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES  
CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES | ARGENTINA

# **Uma análise comparativa das interpretações de Giovanni Arrighi e José Luís Fiori sobre a crise capitalista atual e suas implicações para o sistema mundial**

Juliana dos Anjos de Souza\*

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é compreender o caráter da crise capitalista em curso, discorrendo sobre as possíveis consequências para o sistema mundial, através de uma síntese das abordagens dos autores de Giovanni Arrighi e José Luís Fiori. Para tanto, o trabalho foi dividido em três seções. Na introdução será feita uma explanação sobre a conjuntura do sistema capitalista e a apresentação da justificativa do trabalho e da escolha dos autores. A segunda seção fará uma análise das interpretações dos autores sobre aspectos que serão utilizados como pontos de comparação entre os mesmos. Por fim, nas conclusões será feita uma síntese a partir das semelhanças e diferenças entre as duas interpretações, sobre a crise capitalista atual e suas implicações para o sistema mundial.

---

\* Juliana dos Anjos de Souza é Graduanda de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **1. Introdução**

É consenso entre as diversas áreas que se debruçam sobre o estudo do sistema capitalista mundial que o mesmo vem sofrendo alterações na sua forma de organização e de reprodução desde fins do século XX. Diversas mudanças na conformação espacial dos processos de acumulação de capital vêm ocorrendo desde a década de 1970, configurando um aumento da mobilidade geográfica do capital. No entanto, a análise e interpretação das causas e implicações destas alterações têm levado a diferentes conclusões, desde a vitória do capitalismo, através da globalização das ideias liberais, e o “fim da história”, até de que estaria em curso o esgotamento do sistema capitalista e o surgimento de um novo sistema mundial. A crise atual surge como parte deste longo processo de transformações no seio do capitalismo mundial e conta também com diferentes interpretações sobre seu caráter e suas prováveis consequências para a reorganização e redistribuição de poder no sistema mundial.

Nesse sentido, no presente artigo, discutirei as perspectivas de interpretação da atual crise do capitalismo mundial de Giovanni Arrighi e José Luís Fiori, que se assemelham em alguns pontos, ao passo que possuem divergências significativas em outros. A escolha destes autores se deu fundamentalmente por representarem campos importantes do estudo do capitalismo a partir do materialismo histórico, bem como pela relevância do debate sobre a decadência relativa do poder norte-americano para compreensão da conjuntura da crise capitalista atual e do sistema mundial, que ambos os autores retratam em suas teorias.

Giovanni Arrighi parte sua teoria da premissa de que o sistema capitalista de produção é o fator estruturante do sistema mundial. Em suas análises, Arrighi muitas vezes anunciou que a hegemonia norte-americana estaria vivendo seus suspiros finais estando prestes a entrar em colapso, deixando em aberto o que se seguiria ao fim deste ciclo. Nas suas diversas obras, o autor levanta algumas possibilidades, como uma ascensão japonesa ou chinesa, além de perspectivas mais ousadas, como o próprio fim dos ciclos hegemônicos ou a emergência de uma fase em que a hegemonia seria exercida por uma coalizão de Estados.

Em contrapartida, Fiori argumenta que o atual colapso do poder americano não passa de um mito, embora reconheça a ocorrência de uma crise de liderança dos Estados Unidos nos últimos anos. A argumentação de Fiori está baseada no fato de que os inúmeros conflitos travados nos últimos anos contribuíram para um fortalecimento relativo dos EUA, embora desde a década de 1970 se observe uma nova explosão competitiva e, portanto, uma mudança estrutural no sistema.

O objetivo central deste trabalho é compreender o caráter da crise capitalista em curso, a partir da sua inserção na dinâmica histórica do capitalismo, percorrendo sobre as possíveis consequências para a correlação de forças no sistema mundial, através de uma síntese das

abordagens dos autores escolhidos. Visando a alcançar os objetivos desejados, utilizarei o método de análise comparativo, expondo semelhanças e diferenças entre as teorias dos autores, assim como seu caráter complementar ou concorrente. Para tanto, concentrarei o foco deste trabalho em quatro pontos fundamentais: a Teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação de Giovanni Arrighi e a Teoria do Universo em Expansão de José Luís Fiori; partindo dos pressupostos teóricos dos autores, discutirei como ocorre a transição hegemônica no sistema mundial e o que é a atual crise de hegemonia norte-americana; a expansão financeira enquanto etapa do capitalismo; e, por fim, o caráter da presente crise capitalista.

Creio que para compreender a atual crise do capitalismo mundial é necessário analisar o processo histórico de construção e desenvolvimento do modo de produção contemporâneo, assim como suas crises recorrentes. O uso da comparação entre diferentes fontes de pensamento que se apoiam no materialismo histórico, a partir do esquema interpretativo de Braudel do sistema capitalista mundial (a *longue durée*), é importante para chegar a uma melhor definição das origens, dos principais aspectos e consequências da crise atual, bem como da sua influência sobre a reorganização do sistema mundial moderno.

## **2. A crise capitalista atual e suas implicações para o sistema mundial**

### **2.1 A teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação e a teoria do universo em expansão**

Os Ciclos Sistêmicos de Acumulação de Giovanni Arrighi têm sua origem na decomposição da *longue durée* de Fernand Braudel em unidades de análise mais manejáveis, a partir da ideia braudeliana das expansões financeiras como fases finais dos grandes desenvolvimentos capitalistas. Nestas novas unidades de análise (os ciclos sistêmicos de acumulação) são observadas as estruturas e processos do sistema capitalista mundial em diferentes etapas do seu desenvolvimento. Arrighi identifica dois ciclos paralelos dentro do sistema mundial: os “ciclos hegemônicos”, ou de poder; e os “ciclos de acumulação”, ou do capital. Ambos foram liderados simultânea e sucessivamente por: Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

A ideia dos ciclos sistêmicos de acumulação deriva diretamente da ideia braudeliana do capitalismo enquanto etapa superior “não especializada” da hierarquia do mundo do comércio. Segundo Braudel, é nesta camada superior que se fazem os “lucros em larga escala”. O fato mais importante da dimensão assumida pelos lucros nesta etapa é que a camada capitalista tem a flexibilidade necessária para deslocar seus investimentos na expansão do comércio e da

produção, quando estes estiverem enfrentando uma redução dos lucros, para outras atividades econômicas que não se encontrem nesta situação, como as negociações financeiras. Nesse sentido, os ciclos sistêmicos de acumulação são fenômenos intrinsecamente capitalistas, que assinalam para manutenção dos processos mundiais de acumulação de capital nos tempos atuais, ao passo que estabelecem rupturas fundamentais nas estratégias e estruturas que moldaram estes processos ao longo do desenvolvimento do capitalismo. Assim, os ciclos sistêmicos de Arrighi se caracterizam por alternarem fases de mudanças contínuas e fases de mudanças descontínuas.

O Ciclo Sistêmico de Acumulação é constituído pela alternância de períodos de expansão material (fase de acumulação de capital, DM – mudanças contínuas), com fases de renascimento e expansão financeira (fases MD' – mudanças descontínuas). Nos períodos de expansão material, o capital monetário movimenta uma quantidade crescente de produtos, ao passo que nas fases de expansão financeira uma quantidade crescente de capital monetário "liberta-se" de sua forma mercadoria, e a acumulação ocorre através de acordos financeiros. Com isto, completa-se a fórmula geral do capital, apresentada por Marx (DMD'), retratando um padrão reiterado do capitalismo histórico como sistema mundial (ARRIGHI, 1994: 6).

Arrighi identifica quatro ciclos sistêmicos de acumulação ao longo do desenvolvimento do capitalismo, contendo em cada um deles períodos de *caos* e de *ordem* e apresentando cada um "uma unidade fundamental do agente e estrutura primários dos processos de acumulação em escala mundial (ARRIGHI, 1994: 6)". Nos períodos de *caos* inexiste qualquer tipo de organização. O *caos sistêmico* configura a intensificação dos conflitos entre os Estados pela emergência de novas tendências e normas opostas à antiga *ordem*. A expansão do *caos sistêmico* cria a necessidade cada vez maior da consolidação de um novo sistema de regras. É nestes momentos em que o *caos* deve ser superado que o Estado capaz de formular respostas para as demandas do sistema ascenderá como Estado hegemônico.

O primeiro ciclo sistêmico de acumulação, genovês, ocorreu do século XV ao início do século XVII; em sequência, o ciclo holandês, do fim do século XVI até fins do século XVIII; o terceiro ciclo, britânico, iniciou na segunda metade do século XVIII e durou até início do século XX; por fim, o quarto ciclo, norte-americano, iniciado no final do século XIX e que está em curso na atual fase de expansão financeira. Este quarto ciclo é simultaneamente um produto dos ciclos que o precedem e a matriz da época atual. Nota-se, ao observar a periodização dos ciclos sistêmicos de acumulação, que um se superpõe ao outro, e que, mesmo que suas durações tenham encurtado progressivamente, todos se prolongam por mais de um século. Surge daí a ideia de "século longo" que Giovanni Arrighi utilizará como unidade temporal na análise dos processos mundiais de acumulação do capital. Com a progressão dos ciclos sistêmicos de acumulação, nota-se também, que:

(...) os domínios metropolitanos de cada Estado citado nessa sequência abarcaram um território mais vasto e uma maior variedade de recursos que os de seu predecessor. E, o que é mais importante, à medida que a sequência progrediu, aumentaram a escala e o alcance das redes de poder e acumulação que permitiram aos Estados em questão reorganizar-se e controlar o sistema mundial em que operavam (ARRIGHI, 1994: 14).

É importante ressaltar que Arrighi concentra-se na distribuição de riquezas e no modo de produção capitalista como determinantes da configuração sistêmica:

(...) a questão que concerne diretamente a nossa pesquisa não é quando e como uma economia mundial de mercado ergueu-se acima das estruturas primordiais da vida cotidiana, mas quando e como o capitalismo ergueu-se acima das estruturas da economia mundial de mercado preexistentes e, com o correr do tempo, adquiriu seu poder de moldar de maneira nova os mercados e as vidas do mundo inteiro (ARRIGHI, 1994: 11).

Arrighi, no entanto, não elimina a importância do nível estatal em sua teoria. Os ciclos sistêmicos de acumulação no moderno sistema capitalista só foram possíveis pela simbiose entre política e economia, quando o capitalismo se identifica com o Estado, ocorrida a partir do século XV, possibilitando uma maior acumulação de recursos em determinados espaços por meio da intensa participação dos Estados nesses fluxos de comércio. Para o autor:

A transição realmente importante, que precisa ser elucidada, não é a do feudalismo para o capitalismo, mas a do poder capitalista disperso para um poder concentrado. E o aspecto mais importante dessa fusão singular do Estado com o capital, que em parte alguma se realizou de maneira mais favorável ao capitalismo do que na Europa. (ARRIGHI, 1994: 11).

A concorrência interestatal, a partir desta simbiose, engendrou a diferenciação e nivelamento entre aqueles estados que se inseriram mais intensamente na corrida capitalista e aqueles que não o fizeram. Tal distinção é importante para entender a estratificação do sistema internacional resultante da expansão do capitalismo e, acima de tudo, da formação das hegemonias mundiais. É importante ressaltar que as sucessões hegemônicas, na teoria de Arrighi, representam alterações profundas no próprio sistema em si. Caracterizando um processo de reorganização radical que modifica substantivamente a natureza dos agentes, os padrões de relacionamento entre eles e o modo de funcionamento e reprodução do sistema (Arrighi, 1999, p.30).

Giovanni Arrighi identifica a existência de um hegêmona no sistema mundial capitalista como a configuração mais provável dada a diferenciação entre acumulação de riquezas nos

diferentes Estados. No entanto, ao contrário de alguns autores, seu conceito de hegemonia não se baseia unicamente na dominação pelo uso da força, mas advém da concepção gramsciana que salienta tanto as capacidades coercitivas de um estado quanto a sua aptidão em governar o sistema, exercendo uma liderança intelectual e moral sobre os demais países que o compõem.

José Luís Fiori constrói a Teoria do Universo em Expansão a partir da leitura histórica do sistema interestatal capitalista, tendo chegado a conclusões diferentes das três principais correntes de pensamento da economia política internacional que discutem a internacionalização do poder e do capital e o funcionamento do sistema mundial, a Teoria do Imperialismo, a Teoria da Hegemonia Mundial e a Teoria do Sistema Mundo. Assim como a Teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação, a teoria de Fiori se apoia na *longue durée* de Fernand Braudel, compreendendo que o estudo do sistema capitalista deve ser construído a partir da percepção das grandes alterações estruturais de longa duração e não de seus fatores conjunturais.

Em sua teoria, Fiori desenvolve o conceito de “pressão competitiva”, que pressupõe um aumento dos conflitos interestatais no sistema mundial, cuja origem está na aspiração dos Estados-economias nacionais líderes de projetarem seu poder para além de suas fronteiras, e a tese da “explosão expansiva” que, de acordo com o autor, são momentos que se seguiram aos períodos de intensificação da competição entre os Estados, onde a projeção do poder das potências para fora de si mesmas fez expandir as fronteiras do próprio “universo”. Estes são dois fatores basilares para a explicação das alterações estruturais no sistema interestatal capitalista, desde o século XIII.

Nesse sentido, segundo a Teoria do Universo em Expansão, o sistema mundial é parte de um “universo” que se expande de forma contínua a partir do século XIII onde, ao longo desse processo de expansão, identificam-se quatro momentos em que ocorreu uma “explosão expansiva” dentro do sistema. Nestes períodos, o expansionismo das potências líderes somado ao aumento do número e da intensidade dos conflitos acarretou em um aumento da “pressão competitiva”, a que se seguiu uma “explosão expansiva” que projetou o poder das potências mais competitivas do sistema para fora de si mesmas, engendrando uma ampliação das fronteiras do “universo”. Ao longo da história do sistema interestatal capitalista, portanto, os conflitos que geraram o aumento da pressão competitiva permitiram que as potências do sistema pudessem ampliar suas zonas de influência e seus limites internos e externos, expandindo, assim, o poder de seus Estados e as fronteiras do próprio sistema.

A primeira destas explosões expansivas ocorreu no “longo século XIII”, em que o aumento da pressão competitiva engendrou a expansão de um sistema europeu de “guerras e trocas” e unidades soberanas. A segunda explosão expansiva ficou conhecida como “longo século XVI”, onde se criou um sistema interestatal com economias nacionais e poder bélico bastante desenvolvidos, em comparação com o período anterior, e foram incluídas as colônias

americanas sob as fronteiras do “universo”. O terceiro momento de explosão expansiva é o “longo século XIX”, período em que as fronteiras do “universo” foram expandidas até os continentes africano e asiático. Por fim, o quarto período de explosão expansiva está em curso desde a década de 1970, tendo iniciado o aumento da pressão competitiva pela estratégia expansionista e imperial norte-americana, bem como pela multiplicação dos países no sistema internacional e pelo crescimento vertiginoso do poder e riqueza dos Estados do Leste Asiático.

Ao caracterizar o sistema internacional como sendo um sistema formado por unidades nacionais e por uma estrutura econômica capitalista, Fiori reconhece a existência de uma hierarquia de poder entre as nações. Tal hierarquia estimula a disputa entre as potências e dá ao sistema interestatal capitalista um caráter progressivamente competitivo, tendo em vista que ampliação do poder estatal se dá em virtude destas disputas. A expansão do Estado-economia nacional se torna, nesse contexto, fundamental para sua sobrevivência, haja vista que “na livre competição, quem não sobe cai” (FIORI, 2004: 41). Assim, o maior desestabilizador de situações hegemônicas e do sistema em si será sempre o núcleo central das grandes potências, em particular o próprio *hegemon*, pois ele não pode deixar de se expandir para não perder sua posição na luta permanente pelo poder global:

No sistema interestatal, toda grande potência está obrigada a seguir expandindo o seu poder mesmo que seja em períodos de paz e, se possível, até o limite do monopólio absoluto e global. (FIORI, 2004: 41).

Sendo assim, tendo em vista que todos estados são expansivos, mesmo que de forma atenuada, no “universo em expansão” dos Estados-economias nacionais é ilógica a possibilidade de uma “paz perpétua”, bem como de mercados equilibrados e hegemonias estáveis. Da mesma forma, deste ponto de vista teórico, a constituição de um Império Mundial é ilógica, visto que interromperia a competição entre os Estados, acarretando para estes o impedimento do aumento contínuo de poder dos mesmos, e destruiria o mecanismo central de acumulação do poder que mantém o sistema mundial em estado de expansão desordenada, desequilibrada, mas contínua.

É importante ressaltar que mesmo não sendo este seu foco analítico, o nível sistêmico tem, para Fiori, grande importância. Diferente dos teóricos da transição de poder, que consideram o sistema internacional como estático, Fiori, assim como Arrighi, em sua Teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação, reconhece que a cada nova transição, mudam as estruturas e a lógica de funcionamento do sistema interestatal capitalista, e não apenas a configuração de poder entre os Estados-economias nacionais.

Por fim, vale destacar alguns pontos particulares da Teoria do Universo em Expansão de José Luís Fiori. O primeiro é a própria compreensão do sistema mundial como um “universo em



expansão" contínua; o segundo é o fato de acrescentar uma contribuição negativa do *hegemon*, tendo em vista que este mantém a luta pelo poder global criando ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra; por último, o fato de a desordem, a crise e a guerra não serem necessariamente o anúncio do colapso do sistema ou de uma potência.

## **2.2 A expansão financeira enquanto uma etapa do capitalismo**

As percepções de Giovanni Arrighi e José Luís Fiori, no que tange à expansão financeira enquanto uma etapa do capitalismo, encontram seu apoio argumentativo na interpretação de Fernand Braudel sobre a mesma, sobretudo no segundo e terceiro volumes de *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*. No esquema interpretativo de Braudel, o capital financeiro é um fenômeno recorrente, que marcou o sistema capitalista desde seus primórdios. Portanto, para Braudel, este não representa uma etapa especial do capitalismo mundial, ou tão pouco seu estágio mais recente e avançado. A ideia braudeliana a cerca das expansões financeiras, apresenta estas como fases finais dos grandes desenvolvimentos capitalistas.

De acordo com a Teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação, todas as fases de expansão financeira ao longo da era capitalista, encontraram na concorrência interestatal um fator crucial para o seu desenvolvimento. Ainda de acordo com a teoria de Arrighi, a expansão financeira é um sintoma da situação em que ocorre o retorno do capital investido na produção e no comércio a sua forma monetária e este se acumula mais diretamente:

Ou seja, as expansões financeiras são tomadas como sintomáticas de uma situação em que o investimento da moeda na expansão do comércio e da produção não mais atende, com tanta eficiência quanto as negociações puramente financeiras, ao objetivo de aumentar o fluxo monetário que vai para a camada capitalista (ARRIGHI, 1994: 8).

A partir deste esquema interpretativo, Giovanni Arrighi argumenta que as expansões financeiras, ao longo da era capitalista, foram a marca da transição de um regime de acumulação em escala mundial para outro. Isto porque constituíam a destruição de "antigos" regimes e a criação simultânea de "novos". Nesse contexto, Arrighi compreende a atual expansão financeira mundial como a terceira fase que compõe o "longo século XX", momento conclusivo de um estágio de desenvolvimento do sistema capitalista mundial, em cujo decurso as estruturas do sistema norte-americano vêm sendo destruídas e vislumbra-se a criação de um "novo" regime.

Para Fiori, da mesma forma, a expansão financeira não caracteriza uma etapa particular, sobretudo superior ou mais avançada, do sistema capitalista. De acordo com a concepção do autor, a financeirização é um aspecto recorrente ao longo do processo de desenvolvimento do

capitalismo e esteve presente em todas as fases do “universo”, segundo sua Teoria do Universo em Expansão.

### **2.3 Transição hegemônica no sistema mundial, a crise de hegemonia norte-americana, e o caráter da atual crise do capitalismo, segundo Arrighi e Fiori**

É importante iniciarmos esta seção ressaltando a importância de observarmos que os diferentes pontos de partida teóricos dos autores são fundantes para que os mesmos apresentem visões alternativas ou até mesmo divergentes dos acontecimentos contemporâneos. Tendo em vista que apresentarão, assim, diferentes interpretações a cerca dos fatores estruturantes da atual conjuntura do sistema interestatal capitalista.

Conforme foi abordado de forma mais minuciosa na seção anterior, Giovanni Arrighi identifica nos momentos de caos sistêmicos o processo de transição hegemônica no sistema mundial, tendo como característica fundamental a expansão financeira. De acordo com os ciclos sistêmicos de acumulação, a expansão financeira é um aspecto integrante da destruição das “antigas” hegemônias e da criação simultânea de “novas”.

Nesse sentido, Arrighi argumenta que o sistema mundial vem presenciando um novo período de *caos sistêmico*, que encontra suas origens no processo de financeirização da economia norte-americana que, desde 1970, se tem observado. Este, segundo o autor, é o momento da “crise inicial” da hegemonia norte-americana. Arrighi identifica ainda como fator que corrobora para o declínio relativo da hegemonia dos Estados Unidos a busca pelo padrão norte-americano de desenvolvimento por potências dos cinco continentes do mundo. A “crise final”, que será responsável pela queda da hegemonia desta potência está em curso nesse início do século XX. Sob a perspectiva de interpretação de Arrighi, a atual crise capitalista se insere nesse contexto como parte do processo de expansão financeira que engendrará o colapso norte-americano e uma possível transição hegemônica.

Arrighi não tem clareza sobre a continuidade do sistema capitalista mundial. De acordo com sua tese, mesmo que a atual situação do capitalismo mundial apresente precedentes de longos períodos de crise, reestruturação e reorganização do sistema em novas bases, está claro que o capitalismo encontra-se em um momento decisivo de seu desenvolvimento. Para o autor, se as estruturas do sistema capitalista forem fortemente afetadas pelo declínio e colapso do poder americano, um processo de seis séculos de duração pode chegar ao fim. Caso contrário, assistiremos a ascensão de uma nova hegemonia no sistema mundial. Neste último caso o autor discute a possibilidade da ascensão de uma potência do leste asiático, China ou Japão, ou ainda, uma nova organização do sistema mundial, cuja liderança do sistema seja exercida por um bloco de países.

Fiori não detalha, em seus estudos, o processo de transição de uma hegemonia para outra. Mesmo reconhecendo a existência de uma hierarquia de poder no sistema mundial e, logo, a existência de um *hegemon* no sistema interestatal capitalista, o autor faz mais referências à forma de atuação destas hegemonias quando estão no topo desta hierarquia mundial do que ao processo como estas alcançam a liderança do sistema. Quanto ao conceito de hegemonia utilizado pelo autor, cabe destacarmos que embora reconheça o valor da noção gramsciana de hegemonia, utilizada por Arrighi – a qual acrescenta ao conceito realista a liderança moral da potência líder –, Fiori limita-se em sua análise à utilização do conceito realista de hegemonia, baseado nas capacidades materiais, principalmente nos recursos econômicos e bélicos do país em questão.

Ao travar o debate sobre a o colapso do poder americano, Fiori ressalta a importância de se distinguir os planos e tempos históricos para que não se confunda o fim de um ciclo normal da economia capitalista com uma crise estrutural ou terminal do próprio capitalismo. Braudel distingue o tempo breve, da vida política imediata, do tempo cíclico da vida econômica e da “longa duração” das grandes estruturas históricas. Em relação a isto, o autor critica o viés funcionalista das teorias dos “ciclos hegemônicos”, que, segundo ele, confundem estes planos e tempos históricos, bem sua dificuldade de compreender as “contradições” do sistema mundial:

(...) estas teorias chamam de “crise” qualquer “disfunção sistêmica”, e anunciam “crises terminais” e “rupturas históricas” a cada nova turbulência da vida política e econômica do sistema mundial (FIORI, 2008: 21).

Sob esta ótica, Fiori reconhece que, no tempo breve, os Estados Unidos vivem uma crise de liderança nas relações políticas imediatas com seus aliados e adversários, no entanto, isto não significa necessariamente uma diminuição do seu poder estrutural. No tempo cíclico da economia, a economia norte-americana enfrenta uma série de bolhas especulativas desde 1987, contudo, nenhuma delas provocou ainda uma recessão mais profunda e prolongada da economia americana. No plano das “longas durações” históricas, por fim, as derrotas militares americanas e a expansão chinesa não significam uma crise terminal do poder norte-americano (FIORI, 2008: 20). O declínio relativo do poder americano em relação à China é parte das transformações sistêmicas e estruturais em curso.

De acordo com a visão de Fiori, as derrotas militares dos Estados Unidos e a expansão da China são parte da transformação expansiva do sistema mundial que está em curso desde a década de 1970. Ou seja, segundo o autor, estamos vivendo uma grande transformação expansiva do sistema mundial, associada à expansão do poder americano (conforme sua teoria o *hegemon* segue competindo pelo aumento de poder mesmo nos períodos de “tranquilidade hegemônica”), que engendrará a um novo alargamento das fronteiras do “universo”.

Sobre a crise capitalista atual, Fiori argumenta que não há evidências de um colapso do poder americano, tão pouco do capitalismo mundial. De acordo com o autor, a crise hipotecária e financeira americana se aprofundou, transformando-se numa crise financeira global. No entanto, esta ainda não atingiu a centralidade do dólar, dos títulos da dívida e da economia americana (FIORI, 2008: 18). Por fim, o autor define a atual crise como parte de uma grande transformação estrutural econômica e geopolítica que está em curso desde a década de 1970. Tais transformações terão como principal implicação para o sistema interestatal capitalista um novo alargamento das fronteiras do sistema e já vêm trazendo de volta para o cenário internacional antigas e novas potências como a Rússia e a China. No entanto, a ascensão destas não coloca em risco a hegemonia mundial norte-americana, pois inclusive fazem parte da estratégia de renovação e reprodução do poder dos Estados Unidos.

### **3. Considerações finais**

Tendo em vista o objetivo central deste trabalho – compreender a atual crise capitalista mundial e suas possíveis implicações para reorganização do sistema mundial – a análise das duas teorias abordadas neste artigo sobre o desenvolvimento do sistema capitalista mundial, bem como as diversas visões a respeito do atual estágio de desenvolvimento do sistema interestatal capitalista elucidadas pelos autores, proporcionou quantidade significativa de elementos que permitem o desenvolvimento de opiniões e argumentos bastante interessante a respeito do tema. A partir da análise dos dois autores, sintetizei alguns pontos centrais de comparação entre os mesmos, sob os quais embasei minha concepção a cerca da atual crise do capitalismo.

O ponto de partida dos estudos dos dois autores, a partir da análise da *longue durée* braudeliana da história econômica mundial é fundamental para a identificação dos movimentos cíclicos e as “longas durações” estruturais que deram origem ao sistema mundial moderno. De acordo com a *longue durée*, ciclos e crises estruturais ocorrem lentamente e carregam consigo valores e resíduos das estruturas precedentes. Da mesma forma, a análise do modo de produção capitalista como fator determinante dos arranjos internacionais e a relevância do encontro das forças políticas e econômicas para a consolidação do sistema interestatal capitalista, são um ponto convergente entre os autores. Por fim, Arrighi e Fiori compartilham a compreensão de que tais ciclos e crises estruturais, mesmo que longos e lentos, têm grande dimensão e acarretam em transformações estruturais no sistema mundial, e não apenas uma alteração da potência líder do sistema.

Os pontos de divergência entre os autores também são fundamentais para o desenvolvimento de uma ideia a respeito da atual crise capitalista bem elaborada e embasada. Começamos pelo conceito de *hegemonia* de ambos e pela caracterização do período de hegemonia de um Estado. Arrighi utiliza o conceito gramsciano de hegemonia, em que esta é mais complexa do que a dominação pelo uso (ou ameaça de uso) da força, pois implica também o consentimento desta dominação por parte dos demais estados. Ao passo que Fiori utiliza o conceito de hegemonia baseado nas capacidades materiais de um Estado, onde o detentor de maiores capacidades militares e econômicas é o Estado hegemônico. Arrighi argumenta que o período de hegemonia de um estado é um momento em que os valores, as instituições, os padrões de desenvolvimento e as normas são instituídos pelo líder e, portanto é um período de estabilidade e *ordem*. Fiori contrapõe-se a esta ideia e argumenta que o *hegemon* é quem mais contribui para a desestruturação das regras, uma vez que o período de hegemonia é uma fase de competição e desordem. Portanto, conflitos e guerras, fazem parte do sistema e o estabilizam, e não são, necessariamente, o prenúncio do *caos*. Para este autor não existe estabilidade hegemônica.

Tendo em vista que a manutenção da existência social de um estado exige a expansão constante de poder, todos estados buscam permanentemente a melhora e o aumento de suas capacidades, engendrando pressões competitivas ao redor do globo. Tal fato os leva a uma expansão contínua que cria desordens, crises e, por vezes, guerras, no sistema mundial. Nessa perspectiva, a desordem e a crise não implicam, necessariamente, o colapso da potência líder, mas representam uma condição para a sua supremacia e fortalecimento relativo. Segundo Fiori, portanto, o Estado Nacional Moderno é a unidade básica para a existência do sistema capitalista e, com isto, enquanto o Estado-nação existir, o capitalismo também existirá.

Outra divergência importante entre os autores é a definição do responsável por modelar o sistema interestatal capitalista. Conforme identificado à cima, Fiori destaca em sua teoria a ação das economias nacionais, considerando os Estados como principais agentes na configuração do sistema, a partir da competição interestatal. Já na teoria de Arrighi, o antimercado, definição braudeliana do capitalismo, é quem modela o sistema.

Por fim, uma das principais divergências entre os autores diz respeito à interpretação do processo em curso de 1970 até os dias atuais. Arrighi compreende a "crise da década de 1970" como a "crise inicial" da hegemonia norte-americana, enquanto para Fiori esta é a marca do início de um grande processo de transformação estrutural geopolítico e econômico, onde se identifica a reprodução e o aumento do poder dos Estados Unidos. Nesse sentido, Fiori identifica a atual crise capitalista como a globalização da crise hipotecária norte-americana e como parte deste processo de transformação estrutural do sistema interestatal capitalista, na qual o poder americano não está em cheque, nem tão pouco o capitalismo mundial. Na

perspectiva interpretativa de Arrighi, a crise atual se configura como parte da “crise terminal” da hegemonia norte-americana e talvez, até mesmo do sistema capitalista.

A partir da síntese das convergências e divergências entre os autores, acredito que o sistema mundial nesse início de século XXI tem, antes de tudo, o antimercado como fator estruturante, e é fruto de processos estruturais de longa duração que carregaram consigo resíduos das etapas anteriores, originando, porém, novas contradições no sistema. Acredito que o conceito de hegemonia gramsciano tende a ter cada vez maior relevância a partir deste estágio de desenvolvimento do sistema interestatal capitalista. Haja vista a ascensão de novas potências desafiantes da hegemonia norte-americana, como a China, a Rússia e a Alemanha, que tem papel considerável no cenário internacional, e frente a uma interdependência cada vez maior dos Estados-economias nacionais e a um aumento da multipolaridade do sistema.

Por fim, concordo com a afirmação de Fiori de que, desde a década de 1970, está em curso uma transformação estrutural geopolítica e econômica do sistema mundial, e que esta não apresenta elementos consistentes para a afirmação de que o poder americano está frente a um colapso. O que se percebe é que os Estados Unidos enfrentam uma crise de liderança, no tempo breve, e uma decadência relativa para a China, natural pós vitória contundente, como no caso norte-americano frente a queda da União Soviética em 1991. No entanto, acredito que a atual crise capitalista mundial se insere neste contexto de forma decisiva não somente para estas transformações estruturais em curso, como para as implicações, na longa duração, à condição hegemônica norte-americana. Nesse sentido, concordo com Arrighi que este é um momento decisivo para o desenvolvimento do capitalismo mundial.

Acredito, portanto, que a conjuntura do sistema interestatal capitalista, nesse início de século, resulta de processos que fogem do controle direto dos Estados Unidos, no entanto, este ainda tem influência sobre os mesmos, tendo em vista sua posição de potência hegemônica mundial. Desta maneira, a análise e o acompanhamento da expansão do poder imperial norte-americano continuam sendo importantes para compreensão da geopolítica mundial, bem como o estudo da economia americana continua sendo central para análise da economia mundial atual e futura.

#### 4. Bibliografia

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith in Beijin**. Verso. Londres, 2007.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Editora UNESP. São Paulo, 1994.

ARRIGHI, G. & SILVER, B. **Caos e Governabilidade**. Contraponto Editora. Rio de Janeiro, 1999.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Editorial Teorema. Lisboa, 1985.

FIORI, J. Luis. "**Formação, Expansão e Limites do Poder Global**". In FIORI, J. Luis. (org) **O poder americano**. Editora Vozes. Petrópolis, 2004.

FIORI, J. Luis. "**O Poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites**". In FIORI, J. Luis. (org) **O poder americano**. Editora Vozes. Petrópolis, 2004.

FIORI, J. Luis. **O poder global e a nova geopolítica das nações**. Boitempo. São Paulo, 2007.

FIORI, MEDEIROS & SERRANO. **O mito do colapso do poder americano**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2008.